**A CUMADE FULOZINHA E O ENSINO RELIGIOSO: um dialogo com a educação escolar no território Potiguara**

IranilzaCinesio Gomes Felix[[1]](#footnote-1)

Lusival Antonio Barcellos[[2]](#footnote-2)

Marcelo Rodrigo da Silva[[3]](#footnote-3)

**Grupo de Trabalho (GT 07):** Ensino Religioso, Culturas e Religiosidades Indígenas

**Resumo**

Este trabalho apresenta o contexto da educação escolar no território Potiguara, através da presença da Cumade Fulozinha, destacando a continuidade dos costumes e dos saberes desse povo originário. Tem como objetivos: investigar a relação da Cumade Fulozinha com a educação escolar Potiguara; analisar a presença da Cumade Fulozinha, na educação escolar na continuidade das práticas ancestrais Potiguara; demonstrar os desafios presentes no âmbito da educação escolar. Autores como, Barcellos(2012;2014),Felix (2018), Sousa (2019), Baptista (2020), Oliveira e Riske-Koch(2021), dentre outros, dão um arcabouço teórico a este artigo. Trata-se de uma pesquisa etnográfica, com abordagem qualitativa. Os resultados revelam a presença de práticas cristãs no ambiente educacional das escolas de ensino regular, em decorrência do processo de colonização e catequização imposta aos Potiguara. Reforçamos a necessidade das escolas adotarem um ensino laico, não confessional, respeitando as diversidades culturais, religiosas, os direitos humanos e do bem viver.

**Palavras-chave:** Cumade Fulozinha; ensino religioso; educação escolar Potiguara.

**1 Introdução**

O povo Potiguara da Paraíba possui uma cultura composta por vários elementos simbólicos, que são herdados de uma tradição milenar, que fazem parte de sua identidade étnica e de sua resistência ancestral. Os adornos, o artesanato, os costumes, mitos e tradições que estão presentes no cotidiano dos indígenas, dentre muitos outros aspectos que os Potiguara praticam tradicionalmente em seu território.

No território Potiguara, existem várias seres encantados (entidades sagradas) que são cultuadas entre a etnia, como a caboca jurema, a mãe d'água, as bruxas de coqueirinho, a Cumade Fulozinha[[4]](#footnote-4) e o pai do mangue, entre outras encantadas e encantados.

Temos como objetivo geral: investigar a relação da Cumade Fulozinha com a educação escolar Potiguara. Nossos objetivos específicos são: analisar a presença da comadre florzinha na educação escolar na continuidade das prática ancestrais Potiguara; demonstrar os desafios presentes no âmbito da educação escolar do território Potiguara e identificar o papel do Ensino Religioso(ER) na educação escolar Potiguara.

Trata-se de uma pesquisa etnográfica, com abordagem qualitativa, que possibilita um mergulho no processo de investigação e estudo bibliográfico, na intenção de adquirir conhecimentos teóricos e interpretativos sobre a temática.

A pesquisa de campo será realizada de acordo com a definição de Lakatos e Marconi (2010, p. 169), pois segundo as autoras “[...] a pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.”

De acordo com Baptista (2018), o pesquisador tem conhecimentos teóricos, mas a fonte tem conhecimentos de suas experiências e interpretações da sua realidade.

Estamos utilizando como instrumento, a observação participante, “a Antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente, identificou-se com os métodos de pesquisa ditos qualitativos. A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado[...]” (Velho,1978, p. 01).

Utilizaremos a entrevista semi estruturada[[5]](#footnote-5), oferecendo uma abordagem qualitativa para a pesquisa. O estudo faz parte de uma ação investigativa que será realizado no municio de Marcação, no território Potiguara da Paraíba, com a intenção de identificar como a Cumade Fulozinha e o ensino religioso estão sendo repassados nas escolas.

Além disso contaremos com o diário de campo, que segundo Oliveira (2002, p. 19). “é assim que entendo a importância do diário na investigação etnográfica: pelo seu poder de estimular a memória de um passado remoto, trazendo-o para o horizonte do presente”.

Utilizaremos as categorias definidas por Oliveira, olhar, ouvir e escrever. Segundo o autor: “[...] o Olhar e o Ouvir seriam parte da primeira etapa, enquanto o Escrever seria parte inerente da segunda.” (Oliveira, 1996, p. 11).

Nossa meta é fazer o estudo em 03 escolas de 03 aldeias(uma em cada município da Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto) do território Potiguara. Serão entrevistados 18 indígenas, 09 estudantes, 03 de cada escola e 09 anciões, 03 de cada aldeia.

**2 Fundamentação Teórica**

Os(as) Potiguara da Paraíba estão localizados no Litoral Norte Paraibano, nos municípios de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição, e se dividem em 33 aldeias. Possuem, aproximadamente, 35.000 hectares de terra e somam hoje aproximadamente 21.000 indígenas (Barcellos; Soller, 2012).

Neste trabalho, a Cumade Fulozinha, é a personagem principal, pois assume um papel importante para estabelecer este diálogo, por se tratar de uma encantada que está presente não apenas no estado da Paraíba entre o povo Potiguara, mas em vários estados do Nordeste brasileiro.

Trata-se de uma encantada/entidade mística feminina que habita e protege as matas e os seres que nela habitam. Segundo Assad (2014, p. 21), ela está inserida na cultura nordestina, é conhecida como Cumadre Fulozinha (flor-do-mato). “[...] espírito de uma cabocla de longos cabelos, que vive na mata protegendo a natureza dos caçadores e, que gosta de ser agradada com presentes, principalmente mingau, fumo e mel”. Ainda segunda a autora (2014, p. 21), “[...] Cumadre Fulozinha se apresenta como uma menina de aproximadamente doze anos, com os cabelos longos e estirados e de aparência simpática.”

A Cumade Fulozinha, muitas vezes é confundida com personagens do folclore brasileiro, porém ela não é um símbolo folclórico, é uma herança dos povos indígenas para a cultura brasileira, assim como diversos outros elementos presentes nas culturas indígenas.

Seguindo na mesma direção, Sousa(2019, p. 3), afirma que

Ela entra na categoria das entidades, deixando de ser um personagem do folclore, pois a mesma recebe oferendas e tem presença marcada no culto da Jurema, pertencente à linha dos caboclos, essa linha de entidades é caracterizada por ser “de origem indígena, vivem nas matas e são consideradas entidades curandeiras e por isso “almas elevadas”.

Além de ser confundida com personagem folclórica, a Cumade Fulozinha também é reproduzida e repassada muitas vezes de forma pejorativa, assumindo um lugar de assombração, terror e medo entre as pessoas, quando na verdade se trata de um ser encantado das matas, que protege as florestas e os animais.

Os relatos sobre ela são repassados de forma equivocada e preconceituosa pela sociedade não indígena por conta da presença do cristianismo que tende a demonizar os seres encantados de outras tradições culturais, presentes em nossa sociedade.

A escola assume um importante papel ao ofertar o Componente Curricular Ensino Religioso não confessional, pois permite a abertura de diálogos cultuais que ultrapassem as fronteiras das religiões e crenças, promovendo um debate sobre os valores culturais e existências do ser humano, e não apenas um debate sobre os valores religiosos ou de crenças dos seres humanos.

Baptista e Siqueira(2020, p. 35), defendem que

Tudo que existe na educação é processo formativo. [...] E algumas das teorias e concepções, em quaisquer campos, produzem controvérsias, debates e devem suscitar o diálogo e o respeito por aqueles e aquelas que as defendem, mesmo que não as aceitemos e concordemos com elas. E o fenômeno da crença e da não crença, como o seu estudo, não foge desse problema. E é grande oportunidade para o exercício da tolerância, do diálogo, do respeito e da construção de relações de convivência e de paz.

Neste contexto, onde a Educação Escolar assume esse lugar de visibilidade sociale cultural de dialogar sobre os valores existenciais dos seres humanos, o ensino religioso é um terreno fértil para plantar e regar estes diálogos no ambiente escolar, pois a realidade educacional brasileira ainda é bastante complexa, tendo em vista suasraízes estruturais cristãs.

Mesmo diante das lutas e avanços alcançados pelo ensino religioso, ainda temos um cenário de dúvidas e questionamentos sem respostas, isso porque ainda existe um longo caminho a ser percorrido para que o ensino religioso chegue ao patamar almejado pelas instituições que o apoia.

Assim como Limeira(2019, p. 19). demostrou em sua etnografia

Vale considerar que a longa trajetória da CR no Brasil, o processo de autonomização da área, o longo percurso feito pelo do Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso – FONAPER, não se mostram nem plenamente conhecidos nem suficientes para o estabelecimento do “currículo ideal” [...].

Este caminho citado à cima, a ser percorrido pelo ensino religioso é compromisso e dever do estado, porém por questões de interesses diversos, o estado acaba não cumprindo seu papel e deixando a pauta de lado.

Por falta de uma gestão consistente por parte do estado, que consolide o ensino religioso não confessional na educação básica, o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso – (FONAPER) acaba assumindo esse papel.

Pozzer*et al*. (2015, p. 11)ressaltam que o FONAPER vem atuando em prol de um ensino religioso não confessional, destacando que

A aprendizagem do conjunto de saberes, conhecimentos e experiências constituintes de diversidade cultural religiosa, possibilita a construção de entendimentos relacionados ao direito à diferença, a liberdade de consciência, pensamento e religião, aos processos de construção de identidades culturais e religiosas, às diferentes percepções, vivências e elaborações religiosas ou não religiosas.

É preciso compreender a necessidade de dialogar sobre a diversidade, pois num país plural como o Brasil, é crime racial, social e cultural pensar e falar de religião ou cultura apenas no singular.

E o FONAPER, desde seus 15 anos, em 2010, compreendeu a necessidade de dialogar sobre a diversidade. Segundo Élcio Cecchetti (2021), o FONAPER passa a refletir e propor o ensino religioso como componente curricular na diversidade cultural religiosa brasileira. Apartir desse momento, o tema da diversidade cultural religiosa, começa a ganhar força nas bandeiras do FONAPER.

Apesar do FONAPER ter sido fundamental para a consolidação do ensino religioso na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a luta continua, pois ele precisa ser implantado nas escolas, de forma não confessional. Outro dilema a ser enfrentado são as resistências nos espaços escolares, pela herança e reflexo da colonização, como afirma Oliveira e Riske-Koch, (2021, p. 8-9)

Na história do Brasil, Estado e Igreja sempre estiveram muito próximos ou estiveram lado a lado nas relações de poder que envolvem a Educação[...]. Neste contexto surge o conceito de Ensino Religioso (ER), enquanto disciplina escolar d e prática confessional no entendimento de “aula de religião”uma extensão da Igreja Católica Apostólica Romana,então religião oficial do Brasil.

As autoras descrevem parte do surgimento do ER no processo histórico e posteriormente apresentam sugestões de uso de métodos decoloniais como caminhos para uma possível mudança no debate do ER.

Complementando está afirmação, Oliveira e Riske-Koch,(2021, p. 13) defendem que “Partimos de pressupostos de que, nos processos formativos coletivos e individuais, algumas possibilidades de uma decolonialidade na educação passam pela formação docente que se efetivam a partir de uma episte(me)todologia comprometida com a diferença e as diversidades.

O reflexo da colonização está em todas as partes, a busca por saídas emergências desse labirinto colonial também é presente e visível entre os povos indígenas do Nordeste, os mais atingidos com a violência colonial.

Falar sobre os povos indígenas do Nordeste e não falar sobre a influência da colonização é negar uma parte da história do Nordeste e ocultar memórias e registros de um passado de massacre, que deixou heranças nefastas.

Os povos indígenas do Nordeste foram dos que mais sofreram com o avanço da civilização. Primeiros a serem contatados pelos colonizadores, foram logo batizados e incorporados aos trabalhos da nascente sociedade. Através de forma compulsória de mobilização serviram na construção de obras públicas e nos empreendimentos privados, sendo objeto de uma escravização camuflada. Deslocados de suas terras, tiveram que cruzar os sertões, buscar seguidamente novas áreas de refúgio, constituir alianças antes impensáveis, modificar radicalmente seus costumes. Passaram a viver sob a proteção de outros, em terras de missão (mais tarde invadidas e reduzidas) ou avassalados em terrenos de que nunca eram os “donos” (Oliveira, 2005, p. 09).

As populações indígenas enfrentam até hoje o reflexo do colonialismo em seus territórios. Cada etnia vive essa realidade de uma forma especifica, buscando se adaptar aos costumes impostos pela colonização.

O processo de emergência étnica dos povos indígenas do Nordeste foi importante porque, “Eles assumem significados próprios que recuperam imagens e relações esquecidas, produzem ritos, engendram mitos, elegem heróis, num intenso reencantamento do mundo.” (Arruti, 1995, p.76).

Os povos indígenas assumem papel fundamental para o processo de (des)construção do pensamento equivocado sobre as culturas indígenas presentes no Nordeste. (Felix, 2018)

Numa perspectiva mitológica das culturas indígenas, os mitos são responsáveis por trazer memórias passadas que se configuram no presente através de representações simbólicas. “O mito configura sempre representação da consciência coletiva, ditas e reditas em cada geração”. (Boff, 2004, p. 58).

Entre os Potiguara, os mitosconstituem uma relação de aproximação com os encantados, sobretudo:

Porque contribuem para dar significado a vida [...] trazem memórias das gerações antigas, [...] perpetuam a identidade étnica pois, através do mito o povo primeiramente se vê a si mesmo, relaciona-se com o outro, com a natureza, com a dimensão sagrada[...] (Barcellos, 2014, p. 46).

É preciso pensar as práticas culturais dos povos indígenas como elementos importantes para construção e ressignificação da cultura Nordestina, tanto no âmbito familiar como no espaço da educação escolar.

Além da educação indígena, o ensino religioso também assume esse papel de protagonismo ao levar para sala de aula debates sobre as diversas formas de expressões culturais presentes no Nordeste.

Por ser uma encantada, presente em outros lugares, fora do território Potiguara da Paraíba, a Cumade Fulozinha representa um forte símbolo de identidade cultural que pode ser dialogado no processo de formação educacional entre os povos indígenas e na sociedade de forma geral.

A emergência étnica das populações indígenas, deu luz a possibilidade de lutar por uma educação escolar diferenciada para suas populações, mas ainda são poucos os avanços, Fonteles Filho (2017, p. 1), afirma que “[...] ainda são poucas as referências sobre formação de professores indígenas no âmbito da educação intercultural no Brasil [...] e, em se tratando de Nordeste, apenas há alguns anos se iniciaram as experiências de licenciaturas interculturais”, ele  acrescenta que, “Não obstante serem um fenômeno recente, elas se constituem verdadeiros laboratórios de arranjos, soluções e práticas de inovação[...], e que o conceito de interculturalidade no âmbito da Educação Escolar Indígena admite uma multiplicidade de abordagens e concepções”. (2017, p. 2-3).

O autor esclarece as limitações do avanço da educação escolar indígena no Nordeste e enfatiza que a partir da interculturalidade, é possível pensar a educação escolar indígena como uma ferramenta que possibilita um possível diálogo entre a reafirmação de identidades indígenas a partir de sua praticas ancestrais e espirituais.

Uma vez que a educação escolar indígena assume também um lugar de autonomia sobre os saberes e práticas culturais de cada povo. O espaço da escola passa a ser também um espaço de trocas de experiências das práticas espirituais presente no cotidianos das populações indígenas.

            No território Potiguara a senhora das matas recebe vários nomes, Cumade Fulozinha, flor das matas e florzinha das matas, entre o povo Potiguara ela é um dos principais encantados, que perpetua os costumes identitários, presentes no cotidiano individual e coletivo da etnia.

Por este motivo é considerada um elemento importante para ser abordado nos espaços escolares, pois além das narrativas presentes na vida das crianças e adolescentes, a escola também é o lugar de dialogar sobre a construção da identidade étnica.

Diferente da versão folclórica e pejorativa que a encantada Fulozinha é repassada pela sociedade, nas escolas, as narrativas devem construir não apenas o imaginário do que seria a encantada, numa configuração fictícia, mas ir além, relatar experiências vividas pelos personagens da própria história, pois segundo Ricouer(1997,  p.328) “[...] a narrativa de ficção imita, de certa maneira, a narrativa histórica. Contar alguma coisa, diria eu,  é contá-la  como se ela se tivesse passado[...]”.

É preciso dar voz também aos relatos vividos no cotidiano presente, não apenas no passado, mas levando para a sala de aula debates de novos relatos e novas experiências, dando voz também aos personagens e narradores de uma história/experiência recente, pois, “[...]As narrativas são contadas no tempo passado. O “era uma vez”... assinala, no conto, a entrada na narrativa. [...]” (Ricouer, 1997, p.328). Se tratando da Cumade Fulozinha é possível narrar experiências de um passado distante, mas também num passado próximo e principalmente no presente, quando as experiências estão acontecendo.

**3 Resultados e Discussão**

Os resultados parciais aqui apresentados foram obtidos através de pesquisas bibliográficas, pois a pesquisa de campo como proposto pelo trabalho ainda será executada.

Na bibliográfica estudada, identificamos que a Cumade Fulozinha, está presente no território Potiguara e em outros contextos da Paraíba e do Nordeste.

Foi identificado a importância de sua presença nas práticas pedagógicas para trabalhar a diversidade cultural em diálogo com o Ensino religioso.

Identificamos também que a escola assume um importante papel no que diz respeito a formação de pensamentos e práticas decoloniais quando o Ensino Religioso é introduzido nas escolas da forma correta como proposta na BNCC.

**4 Considerações Finais**

É preciso assumir um compromisso com a educação e trabalhar a diversidade em todas as esferas educacional, pois o reflexo da colonização está em todas as partes, a busca por saídas emergências desse labirinto colonial também é presente e visível entre os povos indígenas do Nordeste

Para evitar equívocos e afirmações pejorativas sobre a Cumade Fulozinha e dos demais aspectos culturais, é necessários que não apenas as escolas indígenas, mas as demais escolas assumam o compromisso de  estabelecer uma relação de transparência e credibilidade para com a história e memória cultural dos povos indígenas e da cultura nordestina em geral, pois os livros didáticos não contam a verdadeira história sobre o processo de formação da sociedade brasileira, nem se preocupam em relatar as tradições culturais indígenas nesse processo de formação da sociedade.

Reforçamos a necessidade das escolas adotarem um ensino laico, não confessional, respeitando as diversidades culturais e religiosas, os direitos humanos, as diferenças, conforme orientação do componente curricular do Ensino Religioso, presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Proposta Curricular da Paraíba (PCPB).

**Referências**

ARRUTI, José Maurício Andion***.*** *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 57-94,1995.

ASSAD, Patrícia. *Comadre Fulozinha e Pai do Mangue*: sua influência na formação da identidade, território e territorialidade na comunidade do Porto do Capim**.** João Pessoa. 2014, Monografia (graduação).UFPB.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira; SIQUEIRA, Giseli do Prado. Ensino Religioso na Escola pública brasileira e a questão da laicidade. *Revista Horizonte*, v. 18, n. 55, p.33-60,jan./abr. 2020.Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/>article/view/23832/17224. Acesso em: 20 jun. 2022.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. Saberes e práticas na pesquisa em Ciências da Religião. In: SILVEIRA, Emerson Silva da (org.). *Como Estudar As Religiões*: metodologias e estratégias. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

BARCELLOS, Lusival; SOLER, Juan. *Paraíba Potiguara.*João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p. il.

BARCELLOS, Lusival. *Práticas Educativo-Religiosas dos Índios Potiguara da Paraíba*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. 384. p. il.

BOFF, Leonardo. *Ecologia:* grito da terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CECCHETTI, Elcio. *Ciclo de Debates 25 anos FONAPER, O Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular- BNCC*. Disponível em: <https://fonaper.com.br/o-ensino-religioso-na-base-nacional-comum-curricular-bncc-ciclo-de-debates-25-anos-fonaper/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FELIX, IranilzaCinesio Gomes. *A alteridade e a espiritualidade dos universitários Potiguara da Paraíba.*2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

FONTELES FILHO, José Mendes. *Interculturalidade*: inclusão e inovação na formação de professores indígenas no Nordeste do Brasil. 38º Reunião NacionalDa ANPEd. São Luís/MA. 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMEIRA, Maronildes Felix. *Currículo ideal, currículo real:* uma etnografia sobre o ensino religioso no município de Patos. 2019. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Prefácio. *In*: GRUNEWALD, Rodrigo de Azevedo (org.)*Toré:* Regime encantado do índio do Nordeste. Recife: Fundaj: Editora Massangana, 2005. 330 p.

OLIVEIRA, Lilian Blanck de; RISKE-KOCH, Simone. *Formação docente e ensino religioso*: exercícios decoloniais em territórios latino-americanos. Disponível em:https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/issue/view/2054. Acesso em: 20 jun. 2022.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo:*olhar, ouvir, escrever**.** Revista de Antropologia, V.39, n. 1, p. 13-37, 1996. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/41616179. Acesso em: 20 jun. 2022.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Os diários e suas margens*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

POZZER, Adecir *et al*. (org.). *Ensino religioso na educação básica*: fundamentos epistemológicos e curriculares. Florianópolis: Saberes em Diálogo, 2015.

RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa Tomo II.*Tradução: Roberto Leal Ferreira:, Campinas, SP: Papirus, 1997.

SOUSA, Ivo. Comadre Florzinha**:**ritos e representações à entidade na cultura de salgadinho-PB 1980-1990.*Anais [...]* I Congresso Internacional de Meio Ambiente e Sociedade: Diálogos entre Consumo, Desenvolvimento e Proteção Ambiental, III Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido,João Pessoa, 2019.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. *In:* NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

1. Doutoranda em Ciências das Religiões pela UFPB. Contato: [iranilzacinesio@gmail.com](mailto:iranilzacinesio@gmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutor em Educação pela UFRN. Professor da UFPB. Contato: [lusivalb@gmail.com](mailto:lusivalb@gmail.com) [↑](#footnote-ref-2)
3. Doutor em Estudos da Mídia pela UFRN. Professor da UFPB. Contato: [prof.marcelorodrigo@gmail.com](mailto:prof.marcelorodrigo@gmail.com) [↑](#footnote-ref-3)
4. Embora seja chamada de Comadre Florzinha em outros lugares, no território Potiguara ela é chamada e conhecida como Cumade Fulozinha, como escrito no texto. [↑](#footnote-ref-4)
5. Aqui nos referimos ao futuro, porque ainda não estamos utilizando a ferramenta de coleta de dados mencionadas, foram realizadas algumas idas a campos, mas apenas com o intuito de observar. [↑](#footnote-ref-5)